

Poéticas Fílmicas dos Museus: uma aproximação interativa com a cidade¹

Museum Film Poetry: an interactive approach to the city

Talita Corrêa Vieira²
Eduardo Rocha³
Lorena Maia Resende⁴

DOI 10.26512/museologia.v9i18.28199

Resumo

O artigo problematiza o papel do museu na cidade da contemporaneidade. Ainda não está claro como os museus acolhem os objetos significativos de uma cidade cada vez mais heterogênea. O estudo de inspiração cartográfica investiga pistas de como o lugar do museu se relaciona com seu território e com os visitantes. O estudo de caso contou com três museus da cidade de Pelotas/RS, e, através de exposições e ações educativas junto às escolas, descobre-se que os museus podem criar territórios existenciais na cidade, gerando relações de hospitalidade e hospedando um pouco da memória dos lugares.

Palavras-chave

Museus da UFPel. Produções participativas audiovisuais. Território;. Hospitalidade. Urbanismo contemporâneo.

Abstract

The article problematizes the role of the museum in the city of contemporaneity. It is not yet clear how museums welcome the significant objects of an increasingly heterogeneous city. The cartography-inspired study investigates clues to how the place of the museum relates to its territory and to visitors. The case study included three museums in the city of Pelotas / RS, and through exhibitions and educational activities with schools, it is discovered that museums can create existential territories in the city, generating hospitality relations and hosting a little memory two places.

Keywords

UFPel museums. Audiovisual productions;. Territory. Hospitality. Contemporary urbanism

Introdução

Os museus guardam uma memória coletiva⁵, memória de um grupo de pessoas, familiar, religioso, étnico, social, que surge da interação social, da relação entre as pessoas, entre as culturas. Essa memória faz parte do imaginário, de um conjunto de símbolos, signos, objetos, linguagens, mitos, pertencentes a um

1 Este artigo toma por base a dissertação defendida de mestrado de Talita Correa Vieira, no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), sob orientação de Eduardo Rocha.

2 Museóloga pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

3 Arquiteto e Urbanista pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel), mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e doutor em Arquitetura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPAR/UFRGS).

4 Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

5 Segundo Pierre Nora (1978), a memória coletiva seria a memória, ou o conjunto delas, mais ou menos consciente de uma experiência, algo vivido ou mistificado em uma comunidade, que remeta a algo passado, um sentimento do passado.

grupo, a uma cidade, a um território⁶. Os objetos que compõe um museu são escolhidos e selecionados através da relevância deles em um determinado grupo. Bem como, pela produção de sentido que tal acervo faz em um determinado grupo de pessoas. Grande parte da literatura que aborda o museu e sua importância social destacam essas questões. No entanto, outras inquietações surgem: Como os museus acolhem e selecionam os objetos que reflipam a memória coletiva de determina cidade? A comunidade participa desse processo?

O acúmulo desenfreado de objetos pode não sensibilizar os que convivem cotidianamente com os museus na contemporaneidade. Com efeito, o museu pode construir um diálogo aberto com seus entes mais próximos, com os grupos aos quais se identificam com o acervo a ser exposto. Um diálogo que proponha a participação dos habitantes da cidade em alguns dos planejamentos de museus envolvendo escolas, universidades, moradores próximos, além de seus funcionários e visitantes.

Mas, será que esta comunicação existe? Será que as pessoas que vivem próximas aos museus, ou que frequentam eventualmente suas atividades realmente atuam ativamente para a construção das narrativas, das exposições, das decisões, planejamento e funcionamento dos museus? Afinal, os objetos que ali se encontram fazem parte do imaginário de determinado grupo social, de uma cidade, ou será que os museus continuam semiabertos dentro de seus terrenos e não se comunicam com seus potentes revitalizadores?

Associada às dúvidas que temos acerca dos museus, identificamos na cidade da contemporaneidade algumas características que mereceram apreciação. Entre elas expomos o seu ritmo frenético e agitado no hodierno. O seu cotidiano pautado pela pressa dos transeuntes, a aceleração caótica na construção de prédios, as residências cada vez mais compactas, as vias de acesso da cidade que na grande maioria privilegia veículos automotores.

Era da expansão tecnológica, vivemos conectados em redes digitais, rompemos a relação tempo e espaço. Hoje, podemos estar em múltiplos espaços simultaneamente, a partir de aparelhos e tecnologias que cabem nas mãos. Já não precisamos ir à França para visitar o Museu do Louvre. Munidos de aparelhos celulares e computadores, acessando a internet, temos acesso as mais diversas experiências sem precisar nem mesmo sair de casa.

Quem sabe, por esses motivos, o nosso olhar para a cidade não seja tão atento, pois, além de passarmos de forma rápida por suas vias, calçadas, pelas praças da cidade, não precisamos sair de casa para consumirmos, seja comida ou mesmo cultura. Assim, dedicamos pouco tempo para pensar a cidade, para observarmos os seus espaços públicos. De certa forma a função do museu tenta acompanhar essas modificações temporais passando de um simples lugar de “depósito” para um ambiente educacional, de aprendizado e divulgação de uma história, cultura. Um convite para a pausa, reflexão, um espaço público que merece entrar no roteiro da vida da cidade.

A cidade de Pelotas, localizada no extremo-sul do Rio Grande do Sul, a 250 quilômetros da capital Porto Alegre e 135 quilômetros da fronteira com o Uruguai, com uma população aproximada de 343.651 habitantes, modifica-se,

6 Conceito que na Geografia trata das relações entre espaço e poder. Para Foucault (2007), o conceito de território é mais uma noção jurídico-política do que uma determinada posição geográfica, ligado mais às relações de poder que se estabelecem em determinados espaços. Para Deleuze (2012), mais do que uma determinada posição geográfica, o território é existencial. Ele é mais da ordem das relações que estabelecemos com os espaços do que da posição de proximidade entre eles, em um determinado espaço geográfico.

expande-se, agita-se e multiplica-se. Cidade universitária, de uma desigualdade explícita, da crise nacional, da falta de emprego, Pelotas abriga um trânsito descompassado. No centro da cidade existem poucas ciclovias, e as calçadas, cada vez mais apertadas sentem o caminhar de pedestres agitados, confusos. Pelotas, reconhecida como centro universitário no Estado é apreciada pela diversificação e valorização cultural, além do grande apreço pelo patrimônio histórico.

Sendo assim, este artigo problematiza, a partir de processos participativos e colaborativos em experiência com produções audiovisuais, o papel do museu na cidade da contemporaneidade. Através do método da cartografia em uma experimentação fílmica, os alunos da graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFPel propuseram repensar o museu e a cidade. Foram produzidas sete peças audiovisuais a partir de oficinas que discutiam a cidade e as suas representações fílmicas com ênfase no tema museus.

O recurso audiovisual teve a intenção de observar as impressões dos alunos a respeito do museu e da cidade. Com base na prática surgiu a necessidade de fazer estudos sobre os conceitos: território e hospitalidade, com origem em filósofos da diferença.

Cartografia Museológica: metodologia

Para compreender as problematizações acerca do museu e da cidade na contemporaneidade recorreu-se a cartografia, metodologia de cunho qualitativo que revela pistas e reflexões. A cartografia é uma expressão empregada pela Geografia e pode ser entendida como uma técnica de elaboração de mapas ou cartas geográficas partindo dos movimentos de transformação de uma paisagem. O termo é utilizado por Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995) para narrar e expor mapas sociais, políticos e existenciais.

Assim, a cartografia é um traçado que se faz junto aos movimentos de transformação das paisagens. Diferindo-se do mapa convencional, que representa um todo estático quando acompanha processos, que acontecem em virtude da construção e da desconstrução de certa realidade, criadas a partir de modos de viver e de se relacionar com o mundo.

A pesquisa se apropria de alguns conceitos das Filosofias da Diferença. Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari, Jacques Derrida, são os filósofos de maior expressão desta prática filosófica. Esses pensadores desenvolveram uma perspectiva filosófica que se preocupa com aquilo que nos difere enquanto indivíduos. Analisando aquilo que vaza aos padrões pré-estabelecidos, interessando-se pela pluralidade, diversidade e singularidade, ao invés de uma forma de pensar universal e totalitária. Sendo a diferença aquilo que nos arranca de nós mesmos e nos faz devir outro, que produz novas combinações de forças.

Segundo Eduardo Rocha (2008) uma forma de ler e compreender o espaço urbano se dá pela cartografia urbana, pensar a cidade, o território, de maneira a interpretar e representar as trocas e os acontecimentos realizados na cidade contemporânea. Como uma espécie de microanálise do ambiente urbano em conjunto às problemáticas atuais.

Desta forma, não importa que linguagem seja um filme, uma música, uma poesia, uma obra de arte, “tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo” (ROLNIK, 1989, p. 66), desde que dali emergam seus operadores conceituais, seus personagens, seus devires.

Foram utilizados como dispositivos⁷ a produção de audiovisuais sobre os museus em relação à cidade, produzidos por alunos de Arquitetura e Urbanismo⁸, a pesquisa investigou características e posicionamentos políticos dos museus e das cidades na contemporaneidade e encontrou pistas e estratégias para que os museus dialoguem com as cidades e proporcionem atividades que afetam a vida das pessoas, produzindo novos processos de subjetivação.

Ao todo foram realizadas sete peças videográficas. A primeira coletiva, produzida por alunos e professores intitulada “Um dia nos museus” (<https://vimeo.com/283181385>); em seguida foram divididos três grupos de alunos que elaboraram vídeos sobre cada um dos museus, intitulados “Caminhos”, sobre o Museu Carlos Ritter (<https://vimeo.com/283181748>), “Em breve”, sobre o Museu do Doce (<https://vimeo.com/283182516>) e “Amor e arte”, sobre o Museu Malg (<https://vimeo.com/283186991>). Por fim, mais três vídeos longos (mídia de 10 minutos) intitulados “Caminhos” sobre o Museu Carlos Ritter (<https://vimeo.com/283188564>); “Paralelos” sobre o Museu do Doce (<https://vimeo.com/283204820>) e “Amor e arte, o filme” sobre o Museu Malg (<https://vimeo.com/283205202>).

As novidades encontradas nos vídeos produzidos pelos alunos dependeram muito mais de uma estética do que de uma tecnologia. O pensamento e o cuidado com a montagem de ideias e de imagens presentes nos trabalhos, conferem uma invenção criativa. Podemos perceber a imagem-cristal de Deleuze, atuante nas montagens.

Os museus da UFPel

FIGURA 1 – Localização dos Museus na cidade de Pelotas.



Fonte: Googlemaps, edição dos autores, 2015.

7 Foucault (2005), fala de dispositivos disciplinares, de poder, de saber, de sexualidade, carcerário, subjetividade, de verdade, etc. O dispositivo tem uma função estratégica, ele responde a uma urgência e cumpre sua função ao qual fora planejado, estabelecendo conexões entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, leis, arquiteturas, dito e não dito. O discurso de um museu, por exemplo, onde um elemento pode justificar ou ocultar uma prática, ou funcionar como uma interpretação desta prática, oferecendo um novo campo de racionalidade

8 Alunos da disciplina Cidade e Comunicação Audiovisual, ministrada pelo Prof. Dr. Eduardo Rocha, no primeiro semestre de 2014, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPel. A disciplina teve como objetivo criar peças fílmicas que verssem sobre a cidade na contemporaneidade.

Foram escolhidos para o estudo três museus da cidade Pelotas: o Museu do Doce, o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter e o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo. Estes museus estão vinculados a Universidade Federal de Pelotas, todos se localizam no centro da cidade, em locais com bastante fluxo de automóveis e pessoas (Figura 1). Em virtude da proximidade entre eles é possível a construção de um caminho ou de múltiplos caminhos que atravessem o espaço urbano, podendo criar um território para análise desta cidade, uma cartografia museal.

Museu Carlos Ritter

O Museu Carlos Ritter, retratado na Figura 3 e 6, foi aberto ao público em 1970. O acervo composto pelas coleções particulares de Carlos Ritter, naturalista que viveu no período de 1851 a 1926, vindo de São Leopoldo, filho de imigrantes alemães, trouxe desenvolvimento para a cidade de Pelotas. Fundou em 1970 a Cervejaria Ritter & Irmãos, considerada na época uma das maiores cervejarias do Brasil.

O acervo do museu possui coleções de espécies de aves, mamíferos, répteis e insetos: Coleção Entomológica; Mosaicos Entomológicos, formados por centenas de insetos que compõem o desenho de fachadas de prédios históricos de Pelotas e de brasões; Coleção Ictiológica; Coleção Herpetológica; Coleção Ornitológica; Coleção Mastozoológica; Coleção Paleontológica e Coleção Osteológica.

Localizado à rua Barão de Santa Tecla, número 576, o museu possui nas proximidades estabelecimentos comerciais, consultórios médicos, escritórios e moradia. No centro da cidade fica próximo à Praça Piratinino de Almeida, onde se encontra a Caixa d'água de ferro, construída em 1875, localizada em frente a Santa Casa de Misericórdia. Em frente a mesma praça ficam os corredores de ônibus.

Um fato curioso da rua do museu são os diferentes usos noturnos e diurnos. Durante o dia a rua é movimentada pelos mercados, lojas, serviços em geral e o próprio museu, enquanto à noite, garotas (os) de programa, travestis, movimentam as calçadas.

Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG)

O artista Leopoldo Gotuzzo nasceu em Pelotas e dedicou sua vida à pintura, simpatizante do estilo pós-expressionismo, sua arte mostra o conhecimento técnico orientado pela simplicidade. Em 1955, Gotuzzo resolveu doar uma coleção de quadros para a Escola de Belas Artes a fim de viabilizar um futuro Museu das Artes Gotuzzo. Em 1983, em virtude da morte do pintor, houve um grande aporte de obras doadas, tendo sido finalmente fundado o museu em 1986.

A missão do Museu está associada à conservação e divulgação da produção do pintor pelotense Leopoldo Gotuzzo e à produção e comunicação de conhecimento em artes visuais. O museu possui exposição de longa duração, com objetos e obras do patrono do museu e também recebe exposições temporárias de artistas, peças e obras que pertencem às coleções do museu e exposições com outras instituições.

Localizado no centro da cidade, na Rua General Osório, esquina com a rua General Neto, número 725. Muitos usuários da cidade passam por este

museu todos os dias e são poucos os que adentram.

No entorno do museu, além de estabelecimentos comerciais como lojas de roupas, brinquedos, tecidos, ferramentas, óticas, farmácias, é um lugar que abriga vários hotéis. Ali perto, nas quadras intermediárias, diversos pontos de ônibus onde milhares de pessoas embarcam e desembarcam.

Museu do Doce

Construído em 1878 pelo conselheiro Francisco Antunes Maciel, o Casarão 8 foi tombado em nível federal pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (Iphan) em 1977. A obra é atribuída ao arquiteto italiano José Isella, autor também da capela da Santa Casa de Pelotas. Portador de ricos elementos arquitetônicos na fachada com ornatos em estuque, balaústres e estátuas em faiança, retratado na Figura 4.

O prédio faz parte do Patrimônio Histórico formando um conjunto arquitetônico em estilo Neoclássico, juntamente com o Casarão 2 e 6. A UFPel adquiriu o imóvel em 2006, e em 2009 deu início ao restauro emergencial do Casarão com o intuito de conter o processo de degradação que a obra sofria em função da ação do tempo, da falta de manutenção e de cuidados adequados. Em 2010 o projeto teve a aprovação do projeto de restauro definitivo pelo Iphan.

Com isso, toda a estrutura do prédio foi recuperada, mantendo todas as características originais e adequando as instalações ao novo uso. Foi reinaugurado em 2012, e a partir de então, passou a abrigar o Museu do Doce.

O Museu do Doce foi um pedido da comunidade doceira, através da Associação dos Amigos do Museu do Doce, após o tombamento do Casarão 8. Com a compra do prédio a UFPel também abraçou a iniciativa e passou a organizar o museu de forma interdisciplinar, reunindo vários cursos que poderão colaborar com a criação do Museu.

O prédio possui espaços para exposições de curta e longa duração, auditório, salas para estudo e laboratório de documentação. O Casarão recebe um grande fluxo de visitantes desde a sua abertura, chegando a abrigar mais de três mil pessoas como nas duas edições do Dia do Patrimônio. A própria restauração do Casarão gera curiosidade nas pessoas e muitos visitam apenas para conhecê-lo.

O museu localiza-se na Praça Coronel Pedro Osório, número 8. No centro histórico da cidade a vizinhança é composta por moradias, estabelecimentos comerciais e empresariais, prédios da administração pública, bancos, outros prédios públicos como o prédio da Prefeitura, a Biblioteca Pública Pelotense, o Teatro Sete de Abril, o Mercado Central, o Banco de Comércio, o Lyceu Rio Grandense, o Grande Hotel e a Praça Coronel Pedro Osório. Ainda pode-se encontrar nas imediações hotéis, pensionatos e o Teatro Guarany. O museu está próximo também ao calçadão da rua Quinze de Novembro, onde podemos encontrar restaurantes e confeitarias que vendem os tradicionais doces pelotenses e o tradicional Café Aquarius.

Videografando o Território

Caminhando pela cidade: um dia nos museus da UFPel

O grupo de estudantes produziu peças filmicas versando a temática “Museu e Cidade”. O primeiro audiovisual foi produzido no primeiro encontro do grupo. Uma time-lapse do caminho percorrido da universidade até o centro da cidade, onde se localizam os museus (Figura 2). Passamos pelos três museus, criamos um primeiro percurso, percebemos cenas da cidade, o trânsito dos automóveis e o fluxo das pessoas, a maioria delas bem apressadas, num movimento quase automático.

FIGURA 2 – Fotograma do vídeo “Um Dia nos Museus” produzidos pelos autores.



Fonte: dos autores, 2014.

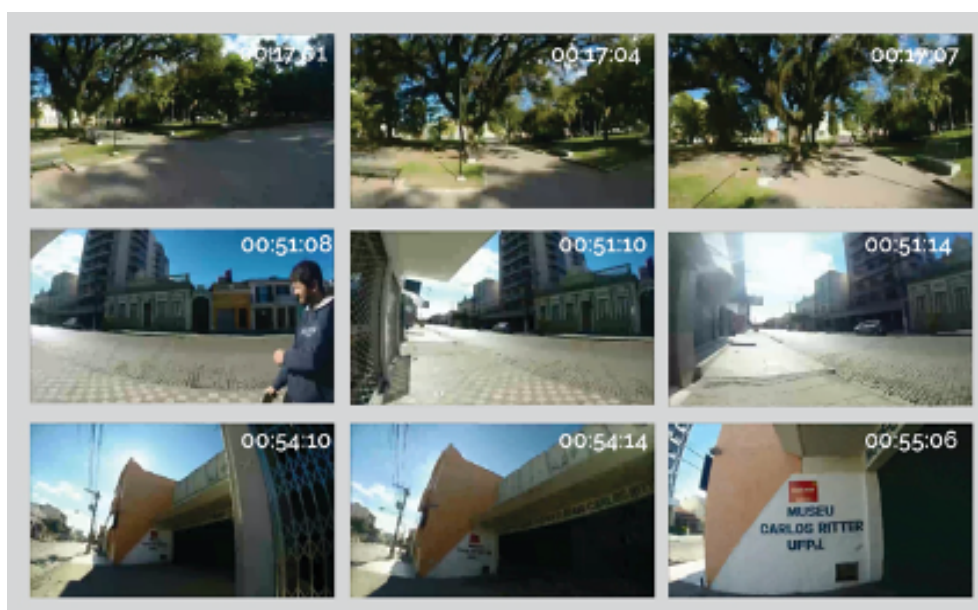
Chegamos a fazer uma breve visita ao primeiro visitado, o Museu do Doce. Os outros dois museus passamos por eles, mas por conta do tempo que dispúnhamos naquele primeiro passeio não entramos. A partir desta primeira caminhada os alunos, agrupados em equipes menores de três alunos cada, elaboraram mais três audiovisuais, de aproximadamente 1 minuto de duração cada. Cada grupo apresenta as suas impressões em relação a este primeiro contato

Vídeos conceito

O grupo de alunos que escolheu o Museu Carlos Ritter, elaborou um possível caminho da Praça até o Museu, em um dia de pouco movimento no centro da cidade (Figura 3). Sendo, possivelmente, um fim-de-semana ou feriado, a montagem mostrou o esvaziamento deste espaço da cidade nos dias em que o comércio não funciona. Mercados e lojas fechados, poucas pessoas pelas ruas, poucos automóveis. Bem diferente da primeira caminhada em que o centro estava movimentado, o vídeo nos mostra um território deserto. Até que no fim do caminho se chega ao Museu, também fechado nesse dia.

A partir deste vídeo podemos identificar as cenas ligadas ao mau planejamento das cidades que ao segregar determinadas áreas como centros comerciais, loteamentos residenciais, acabam por manter determinados espaços extremamente lotados em determinados momentos do dia, enquanto noutros momentos se encontram esvaziados de sentido, vazios e por vezes, inseguros. Nem mesmo o museu, que poderia mudar todo o esvaziamento, encontra-se aberto.

FIGURA 3 – Fotograma do vídeo de 1 minuto “Caminhos”, Museu Carlos Ritter.



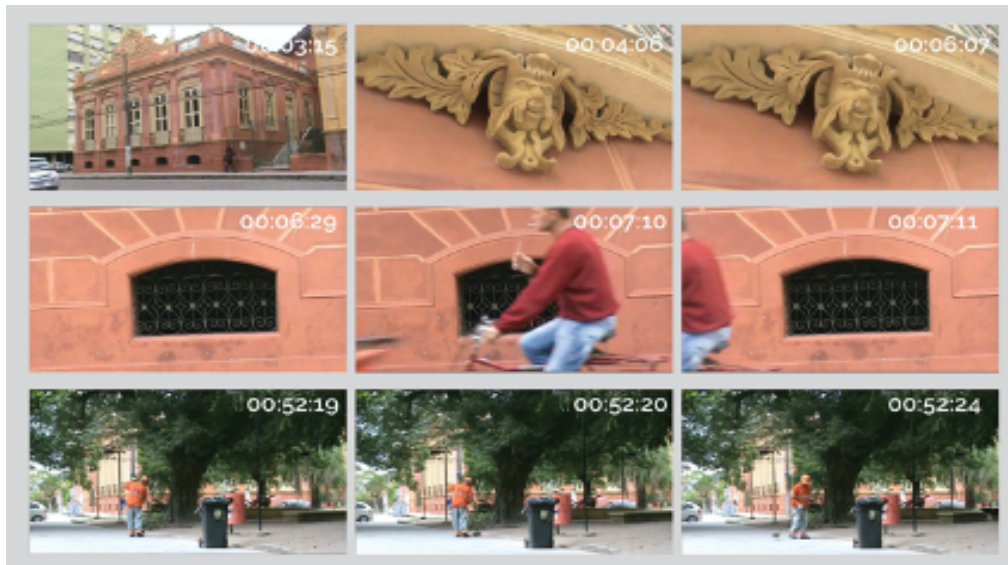
Fonte: dos autores, 2016.

O segundo grupo optou pelo Museu do Doce, observaram o trânsito e as atividades que acontecem no entorno do museu. O audiovisual que reproduz os movimentos da cidade de forma invertida e repetidas cenas do cotidiano da cidade (Figura 4). Sentado no banco da praça em frente ao museu, o espectador pode observar pessoas que caminhavam ali, o trânsito no entorno da praça, um gari que limpa a praça em frente ao museu, uma mulher que passeia com o cachorro, todos retrocedem seus movimentos.

O audiovisual nos coloca em meio à vida no entorno do museu, mostrando que o museu não está à parte do resto da cidade, ou da praça, mas que ele faz parte da cidade, da vida na cidade. O efeito do vídeo nos faz ter a sensação de um lugar que nos faz retroceder no tempo, um passado presente nos

objetos e discursos que ele produz.

FIGURA 4 – Fotograma do vídeo de 1 minuto “Em Breve”, Museu do Doce.



Fonte: dos autores, 2016.

O terceiro grupo que trabalhou com o Museu do MALG fotografou diversos colegas e professores, colocou-os em molduras simulando obras de arte e montaram como uma exposição virtual dessas obras no audiovisual (Figura 5). A trilha sonora, uma música clássica, conduz a movimentação das obras que trocam de lugar, surgem novas obras, com outras montagens, tornado a exposição mais interativa.

A partir do vídeo podemos pensar na questão da interatividade para os museus, o quanto este pode tornar-se mais interessante a partir de dispositivos capazes de comunicar, expor, divertir os visitantes. Como vivemos cercados pelas tecnologias o museu também não foge delas, muitos utilizam-se destes recursos para produzir sentido na contemporaneidade. Além do vídeo demonstrar como os museus podem ser uma ferramenta inclusiva, um modo de se conhecer, reconhecer, fazer parte.

A questão comum aos vídeos foi o distanciamento que os alunos estiveram dos museus, nenhum dos audiovisuais entrou no museu, ficaram atentos aos aspectos exteriores. Dessa forma, após esta primeira experiência surgiu a necessidade de outro experimento através do mesmo recurso, com tempo maior e com uma abordagem sobre o espaço físico e o sentido do museu. Então, solicitou-se aos mesmos grupos a produção de um segundo audiovisual. Agora, a montagem deveria ser mais longa, com narrativas mais extensas.

Olhando Cristais

A primeira montagem, mais curta, não exigia tanto cuidado para obter a atenção do espectador. Já nesta nova montagem de aproximadamente dez minutos, os alunos precisariam desdobrar seu olhar, perceber algo para além de uma primeira impressão. Seria necessário sentir o movimento, sentir o impulso criador atuando livremente para apreender o olhar do interlocutor.

Para Deleuze (1985), o conceito de montagem de imagens e do cinema

FIGURA 5 – Fotograma do vídeo de 1 minuto “Amor e Arte”, Museu Leopoldo Gotuzzo



Fonte: dos autores, 2016.

é construído a partir da imagem-tempo e da imagem-movimento. No cinema, hoje, é preciso muita sensibilidade e um olhar estético do que de grandes tecnologias. O que transforma as imagens em territórios sem fronteiras, inesgotáveis, são formas de pensamento, de articulações entre tempos, espaços, lugares, processos, movimentos.

Assim, os vídeos deveriam trazer algo de novo, mudanças, aproximações. Os alunos deveriam mergulhar um pouco mais na temática proposta, juntar ideias, montar roteiros, desenhar, repensar, propor, conceituar, analisar. Montar um segundo audiovisual pensando o museu e a cidade na contemporaneidade, os museus da Universidade e a cidade de Pelotas.

O primeiro grupo, do Museu Carlos Ritter, criou o audiovisual “Caminhos” (Figura 6). Esse manteve a ideia dos diversos caminhos possíveis para se chegar ao museu. Desta vez, o caminhante faz diversos percursos, caminha por calçadas, atravessa ruas, faz curvas, voltas, até que chega ao museu. Desta vez o museu está aberto. O caminhante visita-o, percorre todo o espaço, aproxima-se das vitrines e, por fim, sai pela porta e vira-se de frente para o prédio do museu.

Esse vídeo fez pensar a respeito do conceito de **território**, entendendo que este conceito não se refere somente a uma posição geográfica determinada, mas, para além, ele está diretamente relacionado às relações de **poder** que se manifestam em uma determinada região. Os museus são mecanismos de poder, eles têm o poder de produzir discursos, sacralizar objetos, criar verdades e identidades, é inevitável.

Neste caso, podemos pensar que o território de um museu não estaria somente no terreno onde se encontra o prédio que o abriga, mas também no seu entorno, nas ruas que o contornam, nos caminhos que se é possível fazer para chegar até o museu. Um território pode surgir a partir das possibilidades de apropriação, comunicação, da relação entre a instituição museu e a cidade onde ele se encontra.

Outra questão que se pode destacar no vídeo é a importância do **caminhar** para o urbanismo contemporâneo. Ressalva para as derivas, ao caminhar

sem rumo. Observar, sentir, se perder, conhecer lugares diferentes. O caminhar como resistência.

FIGURA 6 – Fotograma do vídeo de 10 minutos “Caminhos”, Museu Carlos Ritter.



Fonte: dos autores, 2016.

O segundo grupo que trabalhou com o Museu do Doce criou uma ficção chamada: “Paralelos” (Figura 7). Usaram o museu como cenário. Inventaram alguns **personagens** como uma bailarina, uma senhora vestida com roupas de época, uma prisioneira. Os personagens dançam e perambulam pelo museu, habitam os espaços vazios. Analisando o audiovisual percebe-se inúmeros personagens que o museu pode originar, a partir de histórias que revela, através de seus objetos e práticas pode criar realidades, inventar novas formas de viver e de se relacionar com as pessoas e os ambientes.

Além disso, podemos pensar nos diversos usos que tem e tiveram os prédios de museus. Como é de fato comum nas cidades, os museus ocupam prédios históricos que antes de se tornarem arquiteturas de museus podem ter sido a moradia de alguém ou ter abrigado prisioneiros, ou, no caso do Brasil, escravos.

Esse vídeo faz pensar ainda, a respeito dos **usos e funções** dos museus de hoje. Além de ser espaços de preservação, aprendizagem, contemplação, eles podem ser espaços ativos para seus visitantes. Um espaço para dançar ou tocar instrumentos, lugar do encontro e de novas experimentações.

FIGURA 7 – Fotograma do vídeo de 10 minutos “Paralelos”, Museu do Doce



Fonte: dos autores, 2016.

O terceiro e último grupo, que observou o MALG, produziu o vídeo “Amor e Arte, o filme” (Figura 8), em que mostra a cidade e seu turbilhão. O audiovisual começa mostrando cenas da cidade, especificamente a rua do museu, com seu fluxo quase ininterrupto de automóveis e pedestres. Utilizam uma trilha sonora bem agitada para mostrar essas cenas, até entrar no museu quando a música se torna calma. Eles percorrem o museu e observam as obras de arte que ali se encontram, a música relaxante acompanha o visitante até a saída.

FIGURA 8 – Fotograma do vídeo de 10 minutos “Amor e arte, o Filme”, Museu Leopoldo Gotuzzo.



Fonte: dos autores, 2016.

Esse vídeo transmite uma das possíveis intenções do museu na contemporaneidade. Um lugar de agradável visitação que pode produzir sentido na vida daqueles que adentram seu espaço em meio ao turbilhão. O museu pode ser o local do **acolhimento**, o hospedeiro da cultura, o hospedeiro das diferenças, dos discursos, das histórias de múltiplos heterogêneos desconhecidos. O museu pode ser também um espaço da lentidão, onde esquecemos o ritmo frenético do tempo contemporâneo e podemos descansar o pensamento.

De uma maneira geral nos audiovisuais longos é possível perceber a agitação da vida na contemporaneidade e a aproximação dos alunos dentro dos museus. Alguns alunos mais tímidos são meros visitantes, outros mais ousados querem fazer parte daquele lugar e se apropriam. No entanto, todos expressam diferenças entre estar dentro e fora do museu, antes e depois de entrar em um outro território, o ato de **atravessar**. O museu se apresenta como um portal do descolamento, mesmo dentro da cidade oferece a possibilidade de experimentar o novo, inusitado, de elevar o pensamento para outra esfera e fazer refletir, se (re)conhecer. O museu como o cristal de inúmeras faces.

Considerações Finais: seguindo pistas

A análise dos vídeos em uma escrita cartográfica lançou pistas sobre a conexão dos museus na contemporaneidade. A primeira pista se aproxima dos conceitos de **território** e **hospitalidade** correlacionados a arquitetura museal e da cidade. A arquitetura desses museus e a morfologia da cidade potencializam ora formas de acolhimento ora de repulsa e abrem frestas para novos territórios.

A hospitalidade não se limita na hospedagem, ela trata também do acolhimento, da relação estabelecida entre quem hospeda e quem é hospedado. Jaques Derrida (2003) dedicou-se ao tema da hospitalidade dando destaque a importância do outro no processo de significação da existência. Hospitalidade é alteridade primeira, está diretamente ligada ao território.

O museu como o lugar da hospitalidade que cuida a memória de um grupo, que vive e constrói um território de uma cidade. Mas, que também é o lugar do exótico, da estranheza, o lugar do outro. A arquitetura do museu lida com o dualismo contemporâneo de hospedar e hostilizar ao mesmo tempo. O ato de selecionar obras gera o acolhimento de algumas e a exclusão de outras, assim como a arquitetura do museu abre as portas para o público, mas tem o controle de vigilância – a hostipitalidade tão cara para Derrida.

Acredita-se que as intervenções urbanas e artes públicas são boas estratégias para fazer com que, aquele transeunte da cidade, possa parar em meio a sua rotina e surpreender-se com a comunicação estabelecida através destes dispositivos. Dessa forma, o visitante pode sentir-se convidado a visitar o museu, pois esta comunicação visual externa ao espaço tradicional do museu pode gerar curiosidade no espectador. Por serem obras por vezes efêmeras, elas podem circular por diferentes regiões da cidade, ou modificarem seu conteúdo, alcançando assim outros potenciais visitantes.

A segunda pista relaciona o museu ao conceito de **imagem-cristal**, construção filosófica de Deleuze. Em que o autor demonstra as várias faces do tempo, de um tempo não-cronológico que está em constante transformação, um tempo que passa o presente e conserva o passado instantaneamente. Com auxílio de Bergson diferencia a história em uma linha contínua que se passa ao longo de um acontecimento, enquanto a memória é uma linha vertical que se faz

dentro e fixa ao acontecimento, modificando-o.

A partir da imagem cristal de Deleuze podemos encontrar uma pista para vermos a cidade e o museu **atravessados**. Para pensarmos como agenciarmos as memórias atuantes da cidade e os discursos e práticas dos museus. O museu, operando com a imagem cristal em seus discursos, misturando e fazendo passar passado e presente, dialogando com a contemporaneidade ainda sem esquecer suas origens. Recriando histórias, rememorando fatos, democratizando as memórias. O museu como o lugar de todas as vozes, dentro de uma variação infinita.

Referências

- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FOUCAULT, Michel. Soberania e disciplina. Curso do Collège de France, 14 de janeiro de 1976. In.: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, volume 1. Coleção Trans. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, volume 4. Coleção Trans. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.
- DERRIDA, Jacques e DUFOURMANTELLE, Anne. *Da Hospitalidade*. São Paulo: Escuta, 2003.
- NORA, Pierre. A memória coletiva. In: LE GOFF, Jacques. *A nova história* Pierre Nora, «Mémoire collective». In: Jacques Le Goff curatore. *La nouvelle histoire*. Paris: Retz, 1978.
- ROCHA, Eduardo. Cartografias Urbanas. In: *Revista Projectare*. n. 2. p.162- 172. Pelotas: UFPel, 2008.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia Sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

Artigo submetido em 12 de novembro de 2019.

Artigo aprovado em 08 de setembro de 2020.